

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica Lato  
Sensu em Semiótica Psicanalítica

**O ESTRANHO E O SINISTRO DE FREUD NOS CONTOS DE  
IMAGINAÇÃO E MISTÉRIO DE EGAR ALLAN POE**

**DIEGO PERILLO FERRITE**

2013

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica Lato  
Sensu em Semiótica Psicanalítica

**O ESTRANHO E O SINISTRO DE FREUD NOS CONTOS DE  
IMAGINAÇÃO E MISTÉRIO DE EGAR ALLAN POE**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Pós-  
Graduação Lato Sensu em Semiótica Psicanalítica da  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a título  
de conclusão do curso, e sob orientação do Prof.  
Eduardo Furtado Leite.

**DIEGO PERILLO FERRITE**  
2013

## INTRODUÇÃO

Os contos de Edgar Allan Poe que tomamos como objeto de estudo estão em seu livro “Contos de Imaginação e Mistério”, uma coletânea de contos de ficção policial e terror que exploram o gótico, publicados pela editora Harrap em Londres, nos idos de 1919 e traduzidos pela TORDESILHAS no Brasil em 2012.

O objetivo foi traçar um paralelo entre a obra do “chefe da escola da estranheza”, como Júlio Verne descreveu Poe, com o Estranho e o Sinistro em Freud.

Vamos nos aventurar no profundo lago inconsciente de seus personagens e tentar especular, na medida do possível, o que motivou cada ação ou tomada de decisão.

É importante ressaltar que, obviamente, a história do autor tem total influência em seus contos, mas não será tomada como objeto da análise. No entanto, você poderá notar a influência clara de sua história pessoal ao saber que, como alguns de seus personagens, Poe foi abandonado pelo pai e perdeu a mãe, que viveu entre bebidas e mulheres e fugiu da casa de seu pai adotivo para se alistar ao exército, onde fracassou. A morte sempre esteve por perto e também levou sua esposa-prima de 13 anos com a tuberculose. E a morte do próprio autor é envolta em mistérios. Ele foi encontrado na rua em estado de delírio, com roupas que não eram suas, e morreu alguns dias depois.

([http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar\\_Allan\\_Poe](http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Allan_Poe))

Sua últimas palavras? “Senhor, por favor ajude minha pobre alma.”

## CAPÍTULO 1 – UNHEIMLICH, O ESTRANHO

### MAS AFINAL, O QUE É “O ESTRANHO”?

Freud utiliza a palavra “Unheimlich” para designar o estranho (FREUD, 1919, p.275).

Em alemão, literalmente “unhomely”, o que não é doméstico, caseiro. Na tradução para o português, a palavra escolhida foi “estranho”.

Em árabe e hebreu “estranho” significa o mesmo que demoníaco, horrível. (FREUD, 1919, p.278)

“O estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar. Em determinada circunstância, o familiar pode tornar-se estranho e assustador.”  
(FREUD, 1919, p.277)

Schelling tem ainda uma outra definição:

“Unheimlich é o nome de tudo que deveria ter permanecido ...secreto e oculto mas veio à luz” (FREUD, 1919, p.281)

Traduzindo em termos Freudianos, podemos dizer que algo foi recalçado, mas, por alguma falha no processo, ou simplesmente pela aparição de algum semblante (fantasma) veio à tona, voltou à superfície, causando estranheza.

“A volta do recalçado seria propiciada por uma impressão exterior que reanimasse complexos arcaicos já superados.” (CESAROTTO, 1996, p.116)

O estranho, ou sinistro, também muitas vezes é abordado como o esquerdo.  
“Esta dialética teria seu fundamento no “estádio do espelho” formalizado por Lacan, o momento fecundo de cristalização do eu, na pregnância da forma especular” (CESAROTTO, 1996, p.115)

O espelho oferece a chance de ser ver, mas se ver como um outro. E o ponto importante é que a figura aparece invertida no espelho.

“Aquilo que seria o mais conhecido e familiar, a própria imagem, vira estranho. Sinistro então aludiria ao que excede à dimensão do narcisismo, ficando fora da alçada do eu, incontrolável.” (CESAROTTO, 1996, p.115)

Em todas as definições, notamos uma disjunção do princípio do prazer, uma transformação no contrario que leva do belo e prazeroso ao horrendo e assustador.

E com o inconsciente a céu aberto, analogia sempre citada por Cesarotto, o depois passa a determinar o antes, e o fora invade o dentro.

Mas para compreender os contos de terror, precisamos fazer uma pergunta: o que torna o estranho assustador e o assustador estranho?

“O animismo, a magia e a bruxaria, a onipotência dos pensamentos, a atitude do homem para com a morte, a repetição involuntária e o complexo de castração compreendem praticamente todos os fatores que transformam algo assustador em algo estranho.”

(FREUD, 1919, p.303)

Colocando na panela da estranheza temas como crenças religiosas, os autômatos atualmente conhecidos como bonecos assassinos, a morte de belas mulheres, ser enterrado vivo, doenças mentais e catalepsia, Edgar Allan Poe constrói a sua narrativa perturbadora.

## **CAPÍTULO 2 – OBJETOS DE ESTUDO**

Para facilitar o entendimento e ilustrar a análise, foram escolhidos dois contos retirados do livro *Contos de Imaginação e Mistério* de Poe: “O gato preto” e “O coração denunciador”.

### **2.1 O GATO PRETO**

Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto bastante doméstica que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar. Não obstante, não estou louco e, com toda a certeza, não sonho. Mas amanhã posso morrer e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar o meu espírito. Meu propósito imediato é apresentar ao mundo, clara e sucintamente, mas sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Devido a suas conseqüências, tais acontecimentos me aterrorizaram, torturaram e estruíram. No entanto, não tentarei esclarecê-los. Em mim, quase não produziram outra coisa senão horror - mas, em muitas pessoas, talvez lhes pareçam menos terríveis que grotesco. Talvez, mais tarde, haja alguma inteligência que reduza o meu fantasma a algo comum - uma inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que, a minha, que perceba, nas circunstâncias a que me refiro com terror, nada mais do que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais.

Desde a infância, tomaram-se patentes a docilidade e o sentido humano de meu caráter. A ternura de meu coração era tão evidente, que me tomava alvo dos gracejos de meus companheiros. Gostava, especialmente, de animais, e meus pais me permitiam possuir grande variedade deles. Passava com eles quase todo o meu tempo, e jamais me sentia tão feliz como quando lhes dava de comer ou os acariciava. Com os anos, aumentou esta peculiaridade de meu caráter e, quando me tomei adulto, fiz dela uma das minhas principais fontes de prazer. Aos que já sentiram afeto por um cão fiel e sagaz, não preciso dar-me ao trabalho de explicar a natureza ou a intensidade da satisfação que se pode ter com isso. Há algo, no amor desinteressado, e capaz de sacrifícios, de um animal, que toca diretamente o coração daqueles que tiveram ocasiões

freqüentes de comprovar a amizade mesquinha e a frágil fidelidade de um simples homem.

Casei cedo, e tive a sorte de encontrar em minha mulher disposição semelhante à minha. Notando o meu amor pelos animais domésticos, não perdia a oportunidade de arranjar as espécies mais agradáveis de bichos. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um cão, coelhos, um macaquinho e um gato. Este último era um animal extraordinariamente grande e belo, todo negro e de espantosa sagacidade. Ao referir-se à sua inteligência, minha mulher, que, no íntimo de seu coração, era um tanto supersticiosa, fazia freqüentes alusões à antiga crença popular de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas. Não que ela se referisse seriamente a isso: menciono o fato apenas porque aconteceu lembrar-me disso neste momento.

Plutão - assim se chamava o gato - era o meu preferido, com o qual eu mais me distraía. Só eu o alimentava, e ele me seguia sempre pela casa. Tinha dificuldade, mesmo, em impedir que me acompanhasse pela rua. Nossa amizade durou, desse modo, vários anos, durante os quais não só o meu caráter como o meu temperamento \_ enrubesço ao confessá-lo \_ sofreram, devido ao demônio da intemperança, uma modificação radical para pior. Tomava-me, dia a dia, mais taciturno, mais irritadiço, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Sofria ao empregar linguagem desabrida ao dirigir-me à minha mulher. No fim, cheguei mesmo a tratá-la com violência. Meus animais, certamente, sentiam a mudança operada em meu caráter. Não apenas não lhes dava atenção alguma, como, ainda, os maltratava. Quanto a Plutão, porém, ainda despertava em mim consideração suficiente que me impedia de maltratá-lo, ao passo que não sentia escrúpulo algum em maltratar os coelhos, o macaco e mesmo o cão, quando, por acaso ou afeto, cruzavam em meu caminho. Meu mal, porém, ia tomando conta de mim que outro mal pode se comparar ao álcool ? e, no fim, até Plutão, que começava agora a envelhecer e, por conseguinte, se tomara um tanto rabugento, até mesmo Plutão começou a sentir os efeitos de meu mau humor.

Certa noite, ao voltar a casa, muito embriagado, de uma de minhas andanças pela cidade, tive a impressão de que o gato evitava a minha presença. Apanhei-o, e ele, assustado ante a minha violência, me feriu a mão, levemente, com os dentes. Uma fúria demoníaca apoderou-se, instantaneamente, de mim. Já não sabia mais o que estava

fazendo. Dir-se-ia que, súbito, minha alma abandonara o corpo, e uma perversidade mais do que diabólica, causada pela genebra, fez vibrar todas as fibras de meu ser. Tirei do bolso um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos ! Enrubesco, estremeço, abraço-me de vergonha, ao referir-me, aqui, a essa abominável atrocidade.

Quando, com a chegada da manhã, voltei à razão dissipados já os vapores de minha orgia noturna , experimentei, pelo crime que praticara, um sentimento que era um misto de horror e remorso; mas não passou de um sentimento superficial e equívoco, pois minha alma permaneceu impassível. Mergulhei novamente em excessos, afogando logo no vinho a lembrança do que acontecera.

Entrementes, o gato se restabeleceu, lentamente. A órbita do olho perdido apresentava, é certo, um aspecto horrendo, mas não parecia mais sofrer qualquer dor. Passeava pela casa como de costume, mas, como bem se poderia esperar, fugia, tomado de extremo terror, à minha aproximação. Restava-me ainda o bastante de meu antigo coração para que, a princípio, sofresse com aquela evidente aversão por parte de um animal que, antes, me amara tanto. Mas esse sentimento logo se transformou em irritação. E, então, como para perder-me final e irremissivelmente, surgiu o espírito da perversidade. Desse espírito, a filosofia não toma conhecimento. Não obstante, tão certo como existe minha alma, creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano - uma das faculdades, ou sentimentos primários, que dirigem o caráter do homem. Quem não se viu, centenas de vezes, a cometer ações vis ou estúpidas, pela única razão de que sabia que não devia cometê-las? Acaso não sentimos uma inclinação constante mesmo quando estamos no melhor do nosso juízo, para violar aquilo que é lei, simplesmente porque a compreendemos como tal? Esse espírito de perversidade, digo eu, foi a causa de minha queda final. O vivo e insondável desejo da alma de atormentar-se a si mesma, de violentar sua própria natureza, de fazer o mal pelo próprio mal, foi o que me levou a continuar e, afinal, a levar a cabo o suplício que infligira ao inofensivo animal. Uma manhã, a sangue frio, meti-lhe um nó corredio em torno do pescoço e enforquei-o no galho de uma árvore. Fi-lo com os olhos cheios de lágrimas, com o coração transbordante do mais amargo remorso. Enforquei-o porque sabia que ele me amara, e porque reconhecia que não me dera motivo algum para que me voltasse contra ele. Enforquei-o porque sabia que estava cometendo um pecado \_ um pecado mortal

que comprometia a minha alma imortal, afastando-a, se é que isso era possível, da misericórdia infinita de um Deus infinitamente misericordioso e infinitamente terrível.

Na noite do dia em que foi cometida essa ação tão cruel, fui despertado pelo grito de "fogo!". As cortinas de minha cama estavam em chamas. Toda a casa ardia. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu conseguimos escapar do incêndio. A destruição foi completa. Todos os meus bens terrenos foram tragados pelo fogo, e, desde então, me entreguei ao desespero.

Não pretendo estabelecer relação alguma entre causa e efeito - entre o desastre e a atrocidade por mim cometida. Mas estou descrevendo uma seqüência de fatos, e não desejo omitir nenhum dos elos dessa cadeia de acontecimentos. No dia seguinte ao do incêndio, visitei as ruínas. As paredes, com exceção de uma apenas, tinham desmoronado. Essa única exceção era constituída por um fino tabique interior, situado no meio da casa, junto ao qual se achava a cabeceira de minha cama. O reboco havia, aí, em grande parte, resistido à ação do fogo - coisa que atribuí ao fato de ter sido ele construído recentemente. Densa multidão se reunira em torno dessa parede, e muitas pessoas examinavam, com particular atenção e minuciosidade, uma parte dela. As palavras "estranho!", "singular!", bem como outras expressões semelhantes, despertaram-me a curiosidade. Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem era de uma exatidão verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em torno do pescoço do animal.

Logo que vi tal aparição - pois não poderia considerar aquilo como sendo outra coisa - , o assombro e terror que se me apoderaram foram extremos. Mas, finalmente, a reflexão veio em meu auxílio. O gato, lembrei-me, fora enforcado num jardim existente junto à casa. Aos gritos de alarma, o jardim fora imediatamente invadido pela multidão. Alguém deve ter retirado o animal da árvore, lançando-o, através de uma janela aberta, para dentro do meu quarto. Isso foi feito, provavelmente, com a intenção de despertar-me. A queda das outras paredes havia comprimido a vítima de minha crueldade no gesso recentemente colocado sobre a parede que permanecera de pé. A cal do muro, com as chamas e o amoníaco despreendido da carcaça, produzira a imagem tal qual eu agora a via.

Embora isso satisfizesse prontamente minha razão, não conseguia fazer o mesmo, de maneira completa, com minha consciência, pois o surpreendente fato que acabo de descrever não deixou de causar-me, apesar de tudo, profunda impressão. Durante meses, não pude livrar-me do fantasma do gato e, nesse espaço de tempo, nasceu em meu espírito uma espécie de sentimento que parecia remorso, embora não o fosse. Cheguei, mesmo, a lamentar a perda do animal e a procurar, nos sórdidos lugares que então freqüentava, outro bichano da mesma espécie e de aparência semelhante que pudesse substituí-lo.

Uma noite, em que me achava sentado, meio aturdido, num antro mais do que infame, tive a atenção despertada, subitamente, por um objeto negro que jazia no alto de um dos enormes barris, de genebra ou rum, que constituíam quase que o único mobiliário do recinto. Fazia já alguns minutos que olhava fixamente o alto do barril, e o que então me surpreendeu foi não ter visto antes o que havia sobre o mesmo. Aproximei-me e toquei-o com a mão. Era um gato preto, enorme, tão grande quanto Plutão e que, sob todos os aspectos, salvo um, se assemelhava a ele. Plutão não tinha um único pêlo branco em todo o corpo e o bichano que ali estava possuía uma mancha larga e branca, embora de forma indefinida, a cobrir-lhe quase toda a região do peito.

Ao acariciar-lhe o dorso, ergueu-se imediatamente, ronronando com força e esfregando-se em minha mão, como se a minha atenção lhe causasse prazer. Era, pois, o animal que eu procurava. Apressei-me em propor ao dono a sua aquisição, mas este não manifestou interesse algum pelo felino. Não o conhecia; jamais o vira antes.

Continuei a acariciá-lo e, quando me dispunha a voltar para casa, o animal demonstrou disposição de acompanhar-me. Permiti que o fizesse detendo-me, de vez em quando, no caminho, para acariciá-lo. Ao chegar, sentiu-se imediatamente à vontade, como se pertencesse a casa, tomando-se, logo, um dos bichanos preferidos de minha mulher.

De minha parte, passei a sentir logo aversão por ele. Acontecia, pois, justamente o contrário do que eu esperava. Mas a verdade é que - não sei como nem por quê - seu evidente amor por mim me desgostava e aborrecia. Lentamente, tais sentimentos de desgosto e fastio se converteram no mais amargo ódio. Evitava o animal. Uma sensação

de vergonha, bem como a lembrança da crueldade que praticara, impediam-me de maltratá-lo fisicamente. Durante algumas semanas, não lhe bati nem pratiquei contra ele qualquer violência; mas, aos poucos - muito gradativamente, passei a sentir por ele inenarrável horror, fugindo, em silêncio, de sua odiosa presença, como se fugisse de uma peste.

Sem dúvida, o que aumentou o meu horror pelo animal foi a descoberta, na manhã do dia seguinte ao que o levei para casa, que, como Plutão, também havia sido privado de um dos olhos. Tal circunstância, porém, apenas contribuiu para que minha mulher sentisse por ele maior carinho, pois, como já disse, era dotada, em alto grau, dessa ternura de sentimentos que constituíra, em outros tempos, um de meus traços principais, bem como fonte de muitos de meus prazeres mais simples e puros.

No entanto, a preferência que o animal demonstrava pela minha pessoa parecia aumentar em razão direta da aversão que sentia por ele. Seguia-me os passos com uma pertinácia que dificilmente poderia fazer com que o leitor compreendesse. Sempre que me sentava, enrodilhava-se embaixo de minha cadeira, ou me saltava ao colo, cobrindo-me com suas odiosas carícias. Se me levantava para andar, metia-se-me entre as pernas e quase me derrubava, ou então, cravando suas longas e afiadas garras em minha roupa, subia por ela até o meu peito. Nessas ocasiões, embora tivesse ímpetos de matá-lo de um golpe, abstinha-me de fazê-lo devido, em parte, à lembrança de meu crime anterior, mas, sobretudo \_ apresso-me a confessá-lo , pelo pavor extremo que o animal me despertava.

Esse pavor não era exatamente um pavor de mal físico e, contudo, não saberia defini-lo de outra maneira. Quase me envergonha confessar; Sim, mesmo nesta cela de criminoso , quase me envergonha confessar que o terror e o pânico que o animal me inspirava eram aumentados por uma das mais puras fantasias que se possa imaginar. Minha mulher, mais de uma vez, me chamara a atenção para o aspecto da mancha branca a que já me referi, e que constituía a única diferença visível entre aquele estranho animal e o outro, que eu enforcara. O leitor, decerto, se lembrará de que aquele sinal, embora grande, tinha, a princípio, uma forma bastante indefinida. Mas, lentamente, de maneira quase imperceptível que a minha imaginação, durante muito tempo, lutou por rejeitar como fantasiosa , adquirira, por fim, uma nitidez rigorosa de

contornos. Era, agora, a imagem de um objeto cuja menção me faz tremer... E, sobretudo por isso, eu o encarava como a um monstro de horror e repugnância, do qual eu, se tivesse coragem, me teria livrado. Era agora, confesso, a imagem de uma coisa odiosa, abominável: a imagem da forca! Oh, lúgubre e terrível máquina de horror e de crime, de agonia e de morte!

Na verdade, naquele momento eu era um miserável - um ser que ia além da própria miséria da humanidade. Era uma besta-fera, cujo irmão fora por mim desdenhosamente destruído... uma besta-fera que se engendrara em mim, homem feito à imagem do Deus Altíssimo. Oh, grande e insuportável infortúnio! Ai de mim! Nem de dia, nem de noite, conheceria jamais a bênção do descanso! Durante o dia, o animal não me deixava a sós um único momento; e, à noite, despertava de hora em hora, tomado do indescritível terror de sentir o hálito quente da coisa sobre o meu rosto, e o seu enorme peso - encarnação de um pesadelo que não podia afastar de mim - pousado eternamente sobre o meu coração!

Sob a pressão de tais tormentos, sucumbiu o pouco que restava em mim de bom. Pensamentos maus converteram-se em meus únicos companheiros - os mais sombrios e os mais perversos dos pensamentos. Minha rabugice habitual se transformou em ódio por todas as coisas e por toda a humanidade - e enquanto eu, agora, me entregava cegamente a súbitos, freqüentes e irreprimíveis acessos de cólera, minha mulher - pobre dela! - não se queixava nunca convertendo-se na mais paciente e sofredora das vítimas.

Um dia, acompanhou-me, para ajudar-me numa das tarefas domésticas, até o porão do velho edifício em que nossa pobreza nos obrigava a morar, O gato seguiu-nos e, quase fazendo-me rolar escada abaixo, me exasperou a ponto de perder o juízo. Apanhando uma machadinha e esquecendo o terror pueril que até então contivera minha mão, dirigi ao animal um golpe que teria sido mortal, se atingisse o alvo. Mas minha mulher segurou-me o braço, detendo o golpe. Tomado, então, de fúria demoníaca, librei o braço do obstáculo que o detinha e cravei-lhe a machadinha no cérebro. Minha mulher caiu morta instantaneamente, sem lançar um gemido.

Realizado o terrível assassinio, procurei, movido por súbita resolução, esconder o corpo. Sabia que não poderia retirá-lo da casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos.

Ocorreram-me vários planos. Pensei, por um instante, em cortar o corpo em pequenos pedaços e destruí-los por meio do fogo. Resolvi, depois, cavar uma fossa no chão da adega. Em seguida, pensei em atirá-lo ao poço do quintal. Mudei de idéia e decidi metê-lo num caixote, como se fosse uma mercadoria, na forma habitual, fazendo com que um carregador o retirasse da casa. Finalmente, tive uma idéia que me pareceu muito mais prática: resolvi emparedá-lo na adega, como faziam os monges da Idade Média com as suas vítimas.

Aquela adega se prestava muito bem para tal propósito. As paredes não haviam sido construídas com muito cuidado e, pouco antes, haviam sido cobertas, em toda a sua extensão, com um reboco que a umidade impedira de endurecer. Ademais, havia uma saliência numa das paredes, produzida por alguma chaminé ou lareira, que fora tapada para que se assemelhasse ao resto da adega. Não duvidei de que poderia facilmente retirar os tijolos naquele lugar, introduzir o corpo e recolocá-los do mesmo modo, sem que nenhum olhar pudesse descobrir nada que despertasse suspeita.

E não me enganei em meus cálculos. Por meio de uma alavanca, desloquei facilmente os tijolos e tendo depositado o corpo, com cuidado, de encontro à parede interior. Segurei-o nessa posição, até poder recolocar, sem grande esforço, os tijolos em seu lugar, tal como estavam anteriormente. Arranjei cimento, cal e areia e, com toda a precaução possível, preparei uma argamassa que não se podia distinguir da anterior, cobrindo com ela, escrupulosamente, a nova parede. Ao terminar, senti-me satisfeito, pois tudo correra bem. A parede não apresentava o menor sinal de ter sido rebocada. Limpei o chão com o maior cuidado e, lançando o olhar em tomo, disse, de mim para comigo: "Pelo menos aqui, o meu trabalho não foi em vão".

O passo seguinte foi procurar o animal que havia sido a causa de tão grande desgraça, pois resolvera, finalmente, matá-lo. Se, naquele momento, tivesse podido encontrá-lo, não haveria dúvida quanto à sua sorte: mas parece que o esperto animal se alarmara ante a violência de minha cólera, e procurava não aparecer diante de mim

enquanto me encontrasse naquele estado de espírito. Impossível descrever ou imaginar o profundo e abençoado alívio que me causava a ausência de tão detestável felino. Não apareceu também durante a noite - e, assim, pela primeira vez, desde sua entrada em casa, consegui dormir tranqüila e profundamente. Sim, dormi mesmo com o peso daquele assassinio sobre a minha alma.

Transcorreram o segundo e o terceiro dia, e o meu algoz não apareceu. Pude respirar, novamente, como homem livre. O monstro, aterrorizado fugira para sempre de casa. Não tomaria a vê-lo! Minha felicidade era infinita! A culpa de minha tenebrosa ação pouco me inquietava. Foram feitas algumas investigações, mas respondi prontamente a todas as perguntas. Procedeu-se, também, a uma vistoria em minha casa, mas, naturalmente, nada podia ser descoberto. Eu considerava já como coisa certa a minha felicidade futura.

No quarto dia após o assassinato, uma caravana policial chegou, inesperadamente, a casa, e realizou, de novo, rigorosa investigação. Seguro, no entanto, de que ninguém descobriria jamais o lugar em que eu ocultara o cadáver, não experimentei a menor perturbação. Os policiais pediram-me que os acompanhasse em sua busca. Não deixaram de esquadrinhar um canto sequer da casa. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram novamente ao porão. Não me alterei o mínimo que fosse. Meu coração batia calmamente, como o de um inocente. Andei por todo o porão, de ponta a ponta. Com os braços cruzados sobre o peito, caminhava, calmamente, de um lado para outro. A polícia estava inteiramente satisfeita e preparava-se para sair. O júbilo que me inundava o coração era forte demais para que pudesse contê-lo. Ardia de desejo de dizer uma palavra, uma única palavra, à guisa de triunfo, e também para tomar duplamente evidente a minha inocência.

- Senhores - disse, por fim, quando os policiais já subiam a escada - , é para mim motivo de grande satisfação haver desfeito qualquer suspeita. Desejo a todos os senhores ótima saúde e um pouco mais de cortesia. Diga-se de passagem, senhores, que esta é uma casa muito bem construída... (Quase não sabia o que dizia, em meu insopitável desejo de falar com naturalidade.) Poderia, mesmo, dizer que é uma casa excelentemente construída. Estas paredes - os senhores já se vão? - , estas paredes são de grande solidez.

Nessa altura, movido por pura e frenética fanfarronada, bati com força, com a bengala que tinha na mão, justamente na parte da parede atrás da qual se achava o corpo da esposa de meu coração.

Que Deus me guarde e livre das garras de Satanás! Mal o eco das batidas mergulhou no silêncio, uma voz me respondeu do fundo da tumba, primeiro com um choro entrecortado e abafado, como os soluços de uma criança; depois, de repente, com um grito prolongado, estridente, contínuo, completamente anormal e inumano. Um uivo, um grito agudo, metade de horror, metade de triunfo, como somente poderia ter surgido do inferno, da garganta dos condenados, em sua agonia, e dos demônios exultantes com a sua condenação.

Quanto aos meus pensamentos, é loucura falar. Sentindo-me desfalecer, cambaleei até à parede oposta. Durante um instante, o grupo de policiais deteve-se na escada, imobilizado pelo terror. Decorrido um momento, doze braços vigorosos atacaram a parede, que caiu por terra. O cadáver, já em adiantado estado de decomposição, e coberto de sangue coagulado, apareceu, ereto, aos olhos dos presentes.

Sobre sua cabeça, com a boca vermelha dilatada e o único olho chamejante, achava-se pousado o animal odioso, cuja astúcia me levou ao assassínio e cuja voz reveladora me entregava ao carrasco. Eu havia emparedado o monstro dentro da tumba!

## **2.2 O CORAÇÃO DENUNCIADOR**

É verdade! Nervoso, muito, muito nervoso mesmo eu estive e estou; mas por que você vai dizer que estou louco? A doença exacerbou meus sentidos, não os destruiu, não os embotou. Mais que os outros estava aguçado o sentido da audição. Ouvi todas as coisas no céu e na terra. Ouvi muitas coisas no inferno. Como então posso estar louco? Preste atenção! E observe com que sanidade, com que calma, posso lhe contar toda a história.

É impossível saber como a idéia penetrou pela primeira vez no meu cérebro, mas, uma vez concebida, ela me atormentou dia e noite. Objetivo não havia. Paixão não

havia. Eu gostava do velho. Ele nunca me fez mal. Ele nunca me insultou. Seu ouro eu não desejava. Acho que era seu olho! É, era isso! Um de seus olhos parecia o de um abutre - um olho azul claro coberto por um véu. Sempre que caía sobre mim o meu sangue gelava, e então pouco a pouco, bem devagar, tomei a decisão de tirar a vida do velho, e com isso me livrar do olho, para sempre.

Agora esse é o ponto. O senhor acha que sou louco. Homens loucos de nada sabem. Mas deveria ter-me visto. Deveria ter visto com que sensatez eu agi — com que precaução —, com que prudência, com que dissimulação, pus mãos à obra! Nunca fui tão gentil com o velho como durante toda a semana antes de matá-lo. E todas as noites, por volta de meia-noite, eu girava o trinco da sua porta e a abria, ah, com tanta delicadeza! E então, quando tinha conseguido uma abertura suficiente para minha cabeça, punha lá dentro uma lanterna furta-fogo bem fechada, fechada para que nenhuma luz brilhasse, e então eu passava a cabeça. Ah! o senhor teria rido se visse com que habilidade eu a passava. Eu a movia devagar, muito, muito devagar, para não perturbar o sono do velho. Levava uma hora para passar a cabeça toda pela abertura, o mais à frente possível, para que pudesse vê-lo deitado em sua cama. Aha! Teria um louco sido assim tão esperto? E então, quando minha cabeça estava bem dentro do quarto, eu abria a lanterna com cuidado — ah!, com tanto cuidado! —, com cuidado (porque a dobradiça rangia), eu a abria só o suficiente para que um raiozinho fino de luz caísse sobre o olho do abutre. E fiz isso por sete longas noites, todas as noites à meia-noite em ponto, mas eu sempre encontrava o olho fechado, e então era impossível fazer o trabalho, porque não era o velho que me exasperava, e sim seu Olho Maligno. E todas as manhãs, quando o dia raiava, eu entrava corajosamente no quarto e falava Com ele cheio de coragem, chamando-o pelo nome em tom cordial e perguntando como tinha passado a noite. Então, o senhor vê que ele teria que ter sido, na verdade, um velho muito astuto, para suspeitar que todas as noites, à meia-noite em ponto, eu o observava enquanto dormia.

Na oitava noite, eu tomei um cuidado ainda maior ao abrir a porta. O ponteiro de minutos de um relógio se move mais depressa do que então a minha mão. Nunca antes daquela noite eu sentira a extensão de meus próprios poderes, de minha sagacidade. Eu mal conseguia conter meu sentimento de triunfo. Pensar que lá estava eu, abrindo pouco a pouco a porta, e ele sequer suspeitava de meus atos ou pensamentos secretos. Cheguei

a rir com essa idéia, e ele talvez tenha ouvido, porque de repente se mexeu na cama como num sobressalto. Agora o senhor pode pensar que eu recuei — mas não. Seu quarto estava preto como breu com aquela escuridão espessa (porque as venezianas estavam bem fechadas, de medo de ladrões) e então eu soube que ele não poderia ver a porta sendo aberta e continuei a empurrá-la mais, e mais.

Minha cabeça estava dentro e eu quase abrindo a lanterna quando meu polegar deslizou sobre a lingüeta de metal e o velho deu um pulo na cama, gritando:

— Quem está aí?

Fiquei imóvel e em silêncio. Por uma hora inteira não movi um músculo, e durante esse tempo não o ouvi se deitar. Ele continuava sentado na cama, ouvindo bem como eu havia feito noite após noite prestando atenção aos relógios fúnebres na parede.

Nesse instante, ouvi um leve gemido, e eu soube que era o gemido do terror mortal. Não era um gemido de dor ou de tristeza — ah, não! era o som fraco e abafado que sobe do fundo da alma quando sobrecarregada de terror. Eu conhecia bem aquele som. Muitas noites, à meia-noite em ponto, ele brotara de meu próprio peito, aprofundando, com seu eco pavoroso, os terrores que me perturbavam. Digo que os conhecia bem. Eu sabia o que sentia o velho e me apiedava dele embora risse por dentro. Eu sabia que ele estivera desperto, desde o primeiro barulhinho, quando se virara na cama. Seus medos foram desde então crescendo dentro dele. Ele estivera tentando fazer de conta que eram infundados, mas não conseguira. Dissera consigo mesmo: "Isto não passa do vento na chaminé; é apenas um camundongo andando pelo chão", ou "É só um grilo cricrilando um pouco". É, ele estivera tentando confortar-se com tais suposições; mas descobrira ser tudo em vão. Tudo em vão, porque a Morte ao se aproximar o atacara de frente com sua sombra negra e com ela envolvera a vítima. E a fúnebre influência da despercebida sombra fizera com que sentisse, ainda que não visse ou ouvisse, sentisse a presença da minha cabeça dentro do quarto.

Quando já havia esperado por muito tempo e com muita paciência sem ouvi-lo se deitar, decidi abrir uma fenda — uma fenda muito, muito pequena na lanterna. Então eu a abri — o senhor não pode imaginar com que gestos furtivos, tão furtivos — até que

afinal um único raio pálido como o fio da aranha brotou da fenda e caiu sobre o olho do abutre.

Ele estava aberto, muito, muito aberto, e fui ficando furioso enquanto o fitava. Eu o vi com perfeita clareza - todo de um azul fosco e coberto por um véu medonho que enregelou até a medula dos meus ossos, mas era tudo o que eu podia ver do rosto ou do corpo do velho, pois dirigira o raio, como por instinto, exatamente para o ponto maldito.

E agora, eu não lhe disse que aquilo que o senhor tomou por loucura não passava de hiperagudeza dos sentidos? Agora, repito, chegou a meus ouvidos um ruído baixo, surdo e rápido, algo como faz um relógio quando envolto em algodão. Eu também conhecia bem aquele som. Eram as batidas do coração do velho. Aquilo aumentou a minha fúria, como o bater do tambor instiga a coragem do soldado.

Mas mesmo então eu me contive e continuei imóvel. Quase não respirava. Segurava imóvel a lanterna. Tentei ao máximo possível manter o raio sobre o olho. Enquanto isso, aumentava o diabólico tamborilar do coração. Ficava a cada instante mais e mais rápido, mais e mais alto. O terror do velho deve ter sido extremo. Ficava mais alto, estou dizendo, mais alto a cada instante! — está me entendendo? Eu lhe disse que estou nervoso: estou mesmo. E agora, altas horas da noite, em meio ao silêncio pavoroso dessa casa velha, um ruído tão estranho quanto esse me levou ao terror incontrolável. Ainda assim por mais alguns minutos me contive e continuei imóvel. Mas as batidas ficaram mais altas, mais altas! Achei que o coração iria explodir. E agora uma nova ansiedade tomava conta de mim — o som seria ouvido por um vizinho! Chegara a hora do velho! Com um berro, abri por completo a lanterna e saltei para dentro do quarto. Ele deu um grito agudo — um só. Num instante, arrastei-o para o chão e derrubei sobre ele a cama pesada. Então sorri contente, ao ver meu ato tão adiantado. Mas por muitos minutos o coração bateu com um som amortecido. Aquilo, entretanto, não me exasperou; não seria ouvido através da parede. Por fim, cessou. O velho estava morto. Afastei a cama e examinei o cadáver. É, estava morto, bem morto. Pus a mão sobre seu coração e a mantive ali por muitos minutos. Não havia pulsação. Ele estava bem morto. Seu olho não me perturbaria mais.

Se ainda me acha louco, não mais pensará assim quando eu descrever as sensatas precauções que tomei para ocultar o corpo. A noite avançava, e trabalhei depressa, mas em silêncio. Antes de tudo desmembrei o cadáver. Separei a cabeça, os braços e as pernas.

Arranquei três tábuas do assoalho do quarto e deposei tudo entre as vigas. Recoloquei então as pranchas com tanta habilidade e astúcia que nenhum olho humano — nem mesmo o dele — poderia detectar algo de errado. Nada havia a ser lavado — nenhuma mancha de qualquer tipo — nenhuma marca de sangue. Eu fora muito cauteloso. Uma tina absorvera tudo - ha! ha!

Quando terminei todo aquele trabalho, eram quatro horas — ainda tão escuro quanto à meia-noite.

Quando o sino deu as horas, houve uma batida à porta da rua. Desci para abrir com o coração leve — pois o que tinha agora a temer? Entraram três homens, que se apresentaram, com perfeita suavidade, como oficiais de polícia. Um grito fora ouvido por um vizinho durante a noite; suspeitas de traição haviam sido levantadas; uma queixa fora apresentada à delegacia e eles (os policiais) haviam sido encarregados de examinar o local.

Sorri — pois o que tinha a temer? Dei as boas-vindas aos senhores. O grito, disse, fora meu, num sonho. O velho, mencionei, estava fora, no campo. Acompanhei minhas visitas por toda a casa. Incentivei-os a procurar — procurar bem. Levei-os, por fim, ao quarto dele. Mostrei-lhes seus tesouros, seguro, imperturbável. No entusiasmo de minha confiança, levei cadeiras para o quarto e convidei-os para ali descansarem de seus afazeres, enquanto eu mesmo, na louca audácia de um triunfo perfeito, instalei minha própria cadeira exatamente no ponto sob o qual repousava o cadáver da vítima.

Os oficiais estavam satisfeitos. Meus modos os haviam convencido. Eu estava bastante à vontade. Sentaram-se e, enquanto eu respondia animado, falaram de coisas familiares. Mas, pouco depois, senti que empalidecia e desejei que se fossem. Minha cabeça doía e me parecia sentir um zumbido nos ouvidos; mas eles continuavam sentados e continuavam a falar. O zumbido ficou mais claro — continuava e ficava mais

claro: falei com mais vivacidade para me livrar da sensação: mas ela continuou e se instalou — até que, afinal, descobri que o barulho não estava dentro de meus ouvidos.

Sem dúvida agora fiquei muito pálido; mas falei com mais fluência, e em voz mais alta. Mas o som crescia - e o que eu podia fazer? Era um som baixo, surdo, rápido — muito parecido com o som que faz um relógio quando envolto em algodão. Arfei em busca de ar, e os policiais ainda não o ouviam. Falei mais depressa, com mais intensidade, mas o barulho continuava a crescer. Levantei-me e discuti sobre ninharias, num tom alto e gesticulando com ênfase; mas o barulho continuava a crescer. Por que eles não podiam ir embora? Andei de um lado para outro a passos largos e pesados, como se me enfurecessem as observações dos homens, mas o barulho continuava a crescer. Ai meu Deus! O que eu poderia fazer? Espumei — vociferei — xinguei! Sacudi a cadeira na qual estivera sentado e arrastei-a pelas tábuas, mas o barulho abafava tudo e continuava a crescer. Ficou mais alto — mais alto — mais alto! E os homens ainda conversavam animadamente, e sorriam. Seria possível que não ouvissem? Deus Todo-Poderoso! — não, não? Eles ouviam! — eles suspeitavam! — eles sabiam! - Eles estavam zombando do meu horror! — Assim pensei e assim penso. Mas qualquer coisa seria melhor do que essa agonia! Qualquer coisa seria mais tolerável do que esse escárnio. Eu não poderia suportar por mais tempo aqueles sorrisos hipócritas! Senti que precisava gritar ou morrer! — e agora — de novo — ouça! mais alto! mais alto! mais alto! mais alto!

— Miseráveis! — berrei — Não disfarcem mais! Admito o que fiz! levantem as pranchas! — aqui, aqui! — são as batidas do horrendo coração!

## **CAPÍTULO 3 – A CONTAÇÃO DA HISTÓRIA**

### **3.1 FANTASIA REAL**

Antes de entrar nos pormenores dos contos, precisamos esclarecer um ponto. Porque a estranheza causada por contos de ficção de terror não estão presentes em fábulas e contos de fadas?

De acordo com Freud, é tudo questão de escolha do assunto a ser abordado e do personagem com o qual nos identificaremos.

“Nas histórias de fadas, os sentimentos de medo – incluindo, portanto, as sensações estranhas – são inteiramente eliminados.” (FREUD, 1919, p.313)

Os contos de fadas, em geral, ficam no campo da fantasia. Já os contos de terror buscam ao máximo aproximar-se da realidade e cutucar feridas que já criaram cascas há muito tempo.

“Tudo o que teria um efeito estranho na realidade, o tem na história. Neste caso, porém, ele pode aumentar o efeito e multiplicá-lo, muito além do que poderia acontecer na realidade.” (FREUD, 1919, p.311)

### **3.2 PRIMEIRA PESSOA, LOUCURA E INSANIDADE**

Um artifício muito utilizado por Poe é narrar seus contos em primeira pessoa. Desta forma, o personagem fala direto com o leitor, e a história não assume um aspecto de “lenda”, mas sim de fato verídico.

No conto “O coração denunciador”, a primeira frase proferida é “É verdade!”. Desde o princípio, prima-se pela veracidade dos fatos. Ele não insiste na sua inocência, mas na sua sanidade. E mesmo sabendo que se trata de um conto de ficção, somos situados logo de cara com algo plausível, que poderia ter acontecido a qualquer um.

De maneira similar, no conto “O Gato preto” o narrador descreve a história que irá contar como “Uma situação doméstica, trivial...”, convencendo o leitor que, de certa forma, poderia ter acontecido com ele.

E de fato, se acompanharmos os noticiários atualmente vemos coisas similares ou piores, que causam iguais estranheza e horror.

A dúvida entre o real e o imaginário deve sempre permanecer para aumentar ainda mais a estranheza do relato, e, como leitores, nosso papel é “se curvar à decisão do escritor e considerar o cenário como sendo real pelo tempo em que nos colocamos em suas mãos.” (FREUD, 1919, p.288)

Uma característica de Poe que dificulta ainda mais distinguir o real e o imaginário é a utilização de personagens com vícios ou distúrbios mentais. No “O gato preto” o protagonista revela seu problema com alcoolismo logo nos primeiros parágrafos, e em “O coração denunciador” o narrador abre o texto tentando provar que, mesmo sendo considerado louco, tudo que aconteceu foi real.

“Manter a ambiguidade dos acontecimentos ao longo da narrativa é um recurso típico da literatura fantástica.” (CESAROTTO, 1996, p.128)

A partir da leitura das primeiras linhas dos contos já surgem uma série de questionamentos: “Aconteceu mesmo? O que é verdade? O que é loucura da cabeça do personagem?”.

No entanto, fica uma lição deixada por Freud: “Nós não devemos estar observando o produto da imaginação de um louco, por trás da qual nós, com a superioridade das mentes racionais, estamos aptos a detectar a sensata verdade; ... Esse conhecimento não diminui em nada a impressão de estranheza.” (FREUD, 1919, p.289)

## **CAPÍTULO 4 – O OUTRO e OS OUTROS**

“O incontrolável e o intrigante, o demoníaco e o sublime, as relações, enfim, entre o sujeito e o Outro geram mil elucubrações e tentativas de explicação”  
(CESAROTTO, 1996, p.100)

Nos dois contos selecionados, podemos notar a difícil relação que os personagens tem com O outro. Podemos partir do princípio que “O outro é imprescindível para a constituição do sujeito, embora suas funções possam, de vez em quando, se misturar.” (CESAROTTO, 1996, p.148)

Em um dos contos, o Outro, e ele mesmo, é representado pela mulher e pelo gato. Desde a infância, o personagem é submetido ao olhar do Outro, e de certa forma condenado ou ignorado por ele. Ele se tornava objeto de troça dos companheiros e entende-se que os pais ausentes deixavam animais de estimação como companhias em seu lugar. “A falta do pai significa carência, por um lado, e culpa, por outro.” (CESAROTTO, 1996, p.101). Logo, ele aprendeu a não gostar das pessoas.

No conto “O coração denunciador” atribui-se ao olho do velho o poder do Outro, o olho que tudo vê. (termo muito bem utilizado também para representar Sauron em “O senhor dos anéis”.)

“Nem de noite seria possível deixar de ser visto. A sina do sujeito está no olho do  
outro.”  
(CESAROTTO, 1996, p.152)

### **4.1 O DUPLO**

Em contos de terror “são constantes os temas do duplo, os desdobramentos de personalidade e as distorções de identidade” (CESAROTTO, 1996, p.93)

Mas o que é duplo?

“Originalmente, o duplo era uma segurança contra a destruição do ego, uma enérgica negação do poder da morte. A alma imortal foi o primeiro duplo do corpo.” (FREUD, 1919, p.293)

“A duplicação é a tentativa ilusória de superar, pela via do excesso, o nada ao que somos condenados.”  
(CESAROTTO, 1996, p.122)

Duplicar é uma forma de defesa, mas também pode se tornar uma ameaça insuportável. Ficar frente a frente com si mesmo, ou seu duplo, sem dúvida causa uma sensação de desamparo e estranheza.

“ O homem que se depara com sua réplica enfrenta, cara a cara, a iminência de morte” (CESAROTTO, 1996, p.94)

Por isso, muitas vezes em contos de terror são utilizados espelhos ou sombras que perseguem o personagem durante toda a trama. Outro exemplo, retirado dos cinemas, é a relação de Harry Potter e Voldemort, que se vêem como duplos e não podem se encontrar sem um ser eliminado, ou até mesmo as Horcruxes, que são objetos sobre os quais Voldemort, o vilão da história, coloca sua “alma” a fim de se duplicar e tornar-se imortal.

#### **4.1.1 A MULHER**

No caso do “O gato preto” o personagem procura, a princípio, se duplicar em seus animais, e posteriormente em sua mulher. Ele diz que encontrou uma mulher com uma disposição não incompatível com a sua, ou seja, que gostava também de animais. No entanto, não se fala em amor ou paixão. Fica evidente que, para ele, ela não passa de outro animal de estimação. E ele também se coloca na posição de um animal, já que a mulher parece gostar dele.

Do início ao final da história, a mulher não fala sequer uma palavra. Quando ela vai impedi-lo de matar o gato, por exemplo, ela apenas segura seu braço sem dizer nada.

Ao tomar uma machadada na cabeça, por exemplo, ela “tombou morta imediatamente, sem um gemido”. (POE, 2012, p.88)

Como “todo afeto pode ser transformado em angústia.” (CESAROTTO, 1996, p.123), talvez o amor que sentia pela mãe, inacessível na infância, esteja refletido no ódio e violência com que trata sua mulher e que culmina no final da história.

Na trama do gato preto, percebemos que a mulher ocupa basicamente duas funções: de objeto e de adversária.

No começo, é tratada como um objeto, ou mesmo um espelho do narrador. Em determinado momento, passa a ser vista como adversária pela atenção do gato.

#### **4.1.2 OS ANIMAIS x AUTÔMATOS DE FREUD**

No conto do Gato preto, fica evidente que uma identidade animal serviu de máscara ao personagem, como no livro “O Gato MURR”, de Hoffman.

Pela ordem dos fatos, primeiro ele se duplica no gato, depois, ao tornar insuportável ficar frente a frente consigo mesmo, tortura o bichano, tirando-lhe o olho. O olho é simbólico e pode ter duas representações: O olho do outro, que está sempre observando, ou até mesmo o fato de refletir a própria imagem do personagem, insuportável de ser vista por ele mesmo.

E apesar de ser um ser vivo e animado, podemos fazer uma correlação do gato com os autômatos que Freud cita. Os autômatos são seres inanimados, como bonecos, muito utilizados em contos de terror para causar estranheza e horror no leitor, que não sabe dizer se eles estão vivos ou não.

No gato do conto, não há dúvida sobre a vivacidade do animal, no entanto, o personagem levanta a questão de estar sendo observado e perseguido pelo gato, como se este adquirisse capacidades humanas. É claro, muito se deve às superstições em torno dos gatos pretos. Ao afirmar que não acredita em tais superstições, na verdade ele está querendo dizer exatamente o contrário.

O nome do gato, por exemplo, é Pluto. “Na mitologia grega, é o Deus das riquezas, filho de Deméter, irmã de Perséfone que é a esposa de Hades, Deus dos mortos.” ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Pluto\\_%28mitologia%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pluto_%28mitologia%29))

Podemos dizer então que além de representar ele próprio, o gato representa a riqueza, ou seja, tudo aquilo que ele não tem. A relação com Hades já prenuncia a pulsão de morte desde a escolha do nome do gato.

Aprofundando a pesquisa, notamos que a atribuição divina de Pluto é a generosidade. Será apenas coincidência que, nas primeiras páginas do conto o narrador diga ser uma pessoa muito generosa?

Indo além, o Deus Grego Pluto era representado como um jovem levando o “corno da abundância” de onde poderia jorrar qualquer coisa que desejasse. Talvez uma esperança para nosso personagem ao adotar o gato.

E mais um prelúdio ainda analisando o nome do gato: O Deus Pluto era representado cego, pois favorece indiferentemente aos bons e aos maus.

Pois bem, a partir de determinado momento o personagem passou a se ver no gato e isto tornou insuportável. O gato, antes promessa de riqueza e generosidade, agora era ele mesmo, e o outro que estava sempre atento olhando para tudo.

“ O supereu incorpora o cerne de tudo o que não poderia ser aceito... A silhueta do outro ganha contornos sinistros... O duplo se converte, então, num mensageiro da morte, pois sua manifestação prenuncia o ocaso do sujeito.”

(CESAROTTO, 1996, p.122)

## 4.2 CASTRAÇÃO

A presença do gato, ao jogar na cara do protagonista sua própria presença e a ausência de seus pais na infância, se torna insuportável e gera a castração (do olho do bicho).

Mas a castração do olho do gato não se basta e sofre uma transferência. Então começam as bebedeiras. O ato de “se afogar na bebida” pode ser visto também como a castração do que queria vir à tona.

Por fim ele mata o gato Pluto em uma tentativa de castração final. Como bem sabemos que matar o bichano de nada adianta, e após o incêndio ele vê a figura do gato na parede em que estava a cabeceira de sua cama. O fogo em si simboliza a desintegração moral do personagem.

As sucessivas repetições continuam na vida do personagem, que é impelido a buscar um novo gato para cobrir a ausência que sentia. O novo gato lembra o antigo com um toque macabro: o semblante do sinal da força do peito.

“O retorno constante da mesma coisa – a repetição dos mesmos aspectos, ou características, ou vicissitudes, dos mesmos crimes, ou até dos mesmos nomes, através das diversas gerações que se sucedem” (FREUD, 1919, p.293)

Qualquer coisa que nos lembre a compulsão à repetição é percebido como estranho e clama por ser eliminado. Por isso, o personagem acaba querendo matar o novo gato. “O elemento que amedronta pode mostrar-se algo reprimido que retorna.” (FREUD, 1919, p.300)

O embate da repetição continua, e notamos uma árdua luta do personagem contra isso.

Ele tenta classificar o gato como uma “criatura bruta”, e se colocar como “homem, feito à imagem do Deus Altíssimo” (POE, 2012, p.87). Desta forma, ele tenta não se ver no gato, se distanciando no animal.

Curioso um adjetivo utilizado para descrever o gato que atrapalha seus sonhos: Súcubo (POE, 2012, p.88). Na tradução, súcubo é uma pessoa de vontade fraca que se deixa dominar por outra; um demônio feminino que ludibria homens durante o sono.

Podemos fazer uma relação direta com a posição em que ele se coloca, e como ele vê a mãe que o abandonou, um demônio que vive a atormentá-lo pelo resto de sua existência.

E como, até o final do conto, a repetição e o retorno não poderiam parar, o gato mia no final do conto, revelando que foi sepultado vivo junto com sua mulher.

Um eterno retorno do recalado.

## **CAPÍTULO 5 – OS SENTIDOS**

A voz e o olhar “à maneira dos pais severos, condenam e punem a realização do desejo” (CESAROTTO, 1996, p.141)

### **5.1 FUNÇÃO ESCÓPICA – O OLHO**

Nos dois contos analisados, o olho desempenha um papel fundamental. Mas da onde vem este medo do olhar do Outro?

De acordo com Freud, o “medo de ferir ou perder os olhos é um dos mais terríveis temores das crianças” e “a ameaça de ser castrado excita de modo especial uma emoção particularmente violenta e obscura.” (FREUD, 1919, p.289)

A castração é, de fato, esperada pela mão do pai. Talvez por isso no conto “O gato preto” o protagonista, assumindo também a posição de dono/pai dos animais, castra o gato, tirando fora o olho que o refletia de volta.

A visão também está relacionada com a certeza, porém, a certeza não existe, pois não enxergamos nada além do próprio reflexo.

“A convicção da realidade das coisas depende, em grande parte, do seu caráter de dado visual. Ver para crer sintetiza a atitude ilusória de outorgar caráter de verdade ao que, por outra parte, nada garante que não seja apenas uma aparência.”  
(CESAROTTO, 1996, p.134)

Em “O Coração Denunciador” o olho do velho é o principal tormento do personagem.

Logo no começo ele nos revela:

“De seu ouro nunca tive desejo algum. Acho que era seu olho!” (POE, 2012, p.105)

Colocado assim na sequência, as frases parecem revelar que ele desejava o olho do velho. Talvez seu olhar? Não é dito em nenhum momento se o narrador é do sexo masculino ou feminino, podendo estar se referindo ao desejo do olhar de pai/patrão ou ao olhar de amante.

Então ele revela finalmente o desejo: “me livrar daquele olhar para sempre” (POE, 2012, p.90). O olho, que não lhe fez nada a não ser refletir a si próprio. Notamos um exacerbado medo do olhar do Outro.

“Ninguém nunca se encontra sozinho, pois, mesmo isolado, sua visibilidade o deixa sempre prestes a ser capturado por um outro olho” (CESAROTTO, 1996, p.134)

A importância do olhar continua durante toda a narrativa. O plano se torna macabro quando ele revela que não adianta o olho estar fechado, ele quer matar o velho com o olho aberto. Podemos deduzir que, com os olhos do velho fechado, ele não está sendo visto, e nem se vendo no olho.

O personagem ainda insite em um jogo de olhares. O medo de ser olhado o fazia assumir o papel de olhar, e então ele ficava observando o velho deitado em sua cama pela fresta da porta.

### **5.1.1 MAU OLHADO**

O “Mau olhado” é uma superstição que caminha junto com o gato preto, mas também é citada na descrição do olho do velho, no conto “O coração denunciador”.

“Quem quer que possua algo que seja a um só tempo valioso e frágil, tem medo da inveja de outras pessoas, na medida em que projeta nelas a inveja que teria sentido em seu lugar.” (FREUD, 1919, p.299)

“O que é temido é uma intenção secreta de fazer mal, e determinados sinais são interpretados como se aquela intenção tivesse o poder necessário às suas ordens.”

(FREUD, 1919, p.299)

O medo do gato na verdade é o medo das representações recalçadas, medo da própria fantasia, ou daquilo que pertence à sua fantasia e não é reconhecido, medo de um si que não é mesmo. Como ele se vê no gato, ele prefere acabar com ele antes como forma de auto-punição ou até mesmo na crença de que com o sumiço do gato, sumiriam também seus problemas e perturbações.

### **5.1.2 MEDUSA**

“O terror da Medusa é, pois, um temor à castração, relacionado a visão”

(CESAROTTO, 1996, p.120)

Podemos reforçar aqui o papel da visão nos contos de terror fazendo uma relação com a história da Medusa analisada por Freud.

De acordo com Freud, “a ocasião ocorre quando um menino, que até então não estava disposto a acreditar na ameaça da castração, tem a visão dos órgãos genitais femininos, provavelmente os de uma pessoa adulta, rodeados por cabelos, e, essencialmente, os de sua mãe.” (FREUD, 1922, p.329)

Seguindo esta analogia, a cabeça da medusa seria a vagina, as cobras os pêlos, e quem a fitasse, enrijeceria como uma pedra, como um falo em gozo.

### **5.2 A VOZ, QUE CALA E QUE GRITA**

“O som invade, quebrando o silêncio, e ninguém escapa da sua influência potencial. O Outro, onipotente, assim materializa o seu semblante.”

(CESAROTTO, 1996, p.139)

O som, a voz, o silêncio e o grito aparecem em praticamente todos os contos de Poe. Como já descrito anteriormente, a mulher no conto do gato não emite nenhum som, fala ou gemido do início ao fim, revelando sua posição de objeto.

Em “O coração denunciador” diversas cenas revelam a importância fundamental dos sons na narrativa do terror.

Em determinado momento ele revela que o polegar escorregou no ferrolho enquanto observava o velho. Involuntariamente? De certa forma pode ser que queria se fazer ouvir. Na sequência, ele ouve a voz do velho “Quem está aí” e continua calado, como se tivesse ouvido a voz do pai castrador.

Ao descrever o coração do velho no momento da morte, primeiro ele descreve as batidas do coração como “baixo e surdo”, e depois os seus próprios batimentos cardíacos ficando cada vez mais alto a cada instante. “uma nova angústia tomou conta de mim – o som poderia alcançar os ouvidos de algum vizinho” (POE, 2012, p.108). Neste momento de clímax, ele revela o medo de que os outros poderiam ver o seu próprio medo. A solução seria castrar o olho do velho no desejo de castrar e calar o próprio coração.

Em outra passagem do mesmo conto, o narrador inventa uma desculpa para o grito do velho: “O grito fora proferido por mim mesmo , em um sonho.”. (POE, 2012, p.110)

Aqui ele nos revela que ele mesmo se via no olho do velho, e que sua morte poderia ser encarada como seu próprio grito, de horror e liberdade.

Cesarotto também falou a respeito do fato de assumir a voz de outra pessoa como sua, como se alguém falasse o que se quer falar.

“A voz obscena do supereu é registrada como vindo de fora, de maneira inquietante, o que não passa de um produto ilusório, uma transposição ao exterior do que não se consegue assimilar dentro do aparelho psíquico”  
(CESAROTTO, 1996, p.139)

Podemos notar algo similar no conto “O gato preto”. Quando a voz do gato o denuncia, é como se ele mesmo, no duplo do gato, estivesse se entregando.

“Uma voz vinda da tumba! – um gemido, inicialmente abafado e fraco, coo de uma criança a soluçar, e depois se dilatando rapidamente em um grito longo, elevado e contínuo, inteiramente anômalo e inumado” (POE, 2012, p.90)

Uma curiosidade interessante é que na versão em inglês aparece o termo “Death watch beetle”, que é designado para descrever as batidas do coração, mas também um certo tipo de besouro, que faz um barulho parecido com o pulsar cardíaco. Uma possibilidade de análise é que o personagem ouvia os besouros, e não o coração do velho. Lembrando Cesarotto, no retorno do recalçado uma representação externa pode ressuscitar algo interno. Nada mais “retorno do recalçado” do que uma voz que vem da tumba.

## **CAPÍTULO 6 – FINAL INFELIZ? O ENRIJECER DO DEFUNTO, O GOZO FINAL**

“A força da nossa reação emocional original à morte é a insuficiência do nosso conhecimento científico a respeito dela” (FREUD, 1919, p.301)

Nos contos de terror, o final é sempre trágico e provavelmente acaba em morte. No entanto, como toda via de mão dupla, há mais a ser analisado.

A morte é encarada com medo, mas também com encanto pelo autor, personagens e leitores de Edgar Allan Poe. Exerce um poder explicado apenas pela pulsão de morte proposta por Freud, e, ainda assim, a visão do morto continua a causar estranhamento.

“O primitivo medo da morte é ainda tão intenso dentro de nós e está sempre pronto a vir à superfície por qualquer provocação. A velha crença diz que o morto torna-se inimigo de seu sobrevivente” (FREUD, 1919, p.302)

O que dizer então de um cadáver que sai das paredes ou das tábuas, ou de alguém que é enterrado vivo em uma vinha subterrânea?

Talvez para amenizar o estranho, ou ainda para rir da existência, Poe utiliza-se também de elementos de humor (para alguns), como é o caso do gato que foi sepultado na parede e mia entregando o dono por seu crime hediondo.

A morte também é vista como libertação. Não fosse isso nossos queridos personagens não teriam motivos para assassinar e matar em busca de livrar-se de si mesmos livrando-se do outro. E o cadáver, nos dois contos analisados, é ainda a prova da culpa, e um alívio inexplicável de quem desejava ser pego.

## 6.1 OCULTAÇÃO DE CADÁVER

“Um cadáver exemplifica que o mais familiar pode tornar-se exótico”  
(CESAROTTO, 1996, p.119)

Nos dois contos os personagens realizam o crime e optam por ocultar o cadáver. É uma tentativa de castração completa e de um recalque gigantesco, no qual eles ocultariam tudo aquilo que não conseguiam suportar, ou que representava isso.

E repare que o mais importante é a ocultação do cadáver “sem o risco de ser observado pelos vizinhos” (POE, 2012, p.88), revelando um medo constante do olho do Outro.

Também percebemos a tendência à repetição quando ele descreve que reconstruiu a parede com “um reboco que fosse indistinguível do antigo” ((POE, 2012, p.89)

De fato, os dois personagens, apesar de ocultar o cadáver, querem tirá-lo, escancará-lo e colocá-lo à mostra, como se estivessem finalmente se mostrando e terminando com seu martírio.

“A satisfação é penosa e mortificante e a efetivação dos caprichos é o eterno sofrimento.” (CESAROTTO, 1996, p.124)

Percebemos isso através dos ato falhos como dizer “Esta é uma casa muito bem construída” (POE, 2012, p.90). e bater na parede onde estava a morta.

## 6.2 SER ENTERRADO VIVO

“No escuro, amparada pelas trevas, revela-se a fragilidade do ser e as verdades abissais  
da alma”  
(CESAROTTO, 1996, p.104)

Em outros contos, como “O enterro prematuro” e “O barril de amontillado”, Poe explora a idéia de ser enterrado vivo. De acordo com a psicanálise, esta fantasia assustadora é uma transformação de outra fantasia, a fantasia da existência intra-uterina. O estranho torna-se ainda maior quando sabemos que de fato, algumas pessoas foram enterradas vivas e é uma coisa real, que pode acontecer. Esta mistura de fantasia e realidade está presente em toda obra de Poe.

### **6.3 O GOZO FINAL**

“O cadáver, já grandemente decomposto e coberto de crostas de sangue, surgiu ereto ante os olhos dos presentes” (POE, 2012, p.92)

“Morto como uma pedra” (POE, 2012, p.108)

Ao final dos dois contos, o cadáver duro, rijo e ereto se revela. Parece que, todas as castrações anteriores não foram suficientes. O desejo sempre procura um substituto, e o que é recalcado sempre vem à tona. Portanto, nada do que foi feito antes pelos personagens resolveu seus problemas. Faltava o falo, que aparece enfim na dureza e enrijecimento do cadáver. A morte não bastava, o cadáver “duro como pedra” precisava entrar em cena para completar o gozo, ainda que momentaneamente, pois nenhum prazer é eterno.

**BIBLIOGRAFIA**

FREUD, Sigmund – **A cabeça da medusa** (1940 [1922]). IMAGO. 1969

FREUD, Sigmund – **O estranho** (1919). IMAGO. 1969

POE, Edgar Allan – **Contos de imaginação e mistério**. TORDESILHAS. 2012

CESAROTTO, Oscar – **No olho do Outro**. ILIMINURAS. 1996

MCKEE, Robert – **Story**. CURITIBA. 2010

LOVECRAFT, Howard Phillips – **Histórias de horror/ O mito de Cthulhu**. MARTIN CLARET. 2012

CESAROTTO, Oscar e SOUZA LEITE, Márcio Peter – **Jacques Lacan, uma biografia intelectual**. ILUMINURAS. 2001